

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

DHENNIKY EMANUELY PORTELA DA COSTA

TOPONÍMIA EM LIBRAS: SINAIS REFERENTES A ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

RIO BRANCO
2025

DHENNIKY EMANUELY PORTELA DA COSTA

**TOPONÍMIA EM LIBRAS: SINAIS REFERENTES A ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Libras da
Universidade Federal do Acre, como requisito
parcial para a obtenção do título de licenciada em
Letras Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro
Vargas

RIO BRANCO
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

C837 Costa, Dhenniky Emanuely Portela da, 2001-
Toponímia em libras: sinais referentes a espaços de convivência da
Universidade Federal do Acre/ Dhenniky Emanuely Portela da Costa;
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vivian Gonçalves Louro Vargas – 2025.
46 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Acre, como requisito
parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras Libras.

1. Toponímia. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Rio Branco – Universidade
Federal do Acre. I. Vargas, Vivian Gonçalves Louro (orientadora). II. Título.

CDD: 419

Bibliotecário: Marcelino G. M. Monteiro CRB-11º/258.

DHENNIKY EMANUELY PORTELA DA COSTA

**TOPONÍMIA EM LIBRAS: SINAIS REFERENTES A ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Libras para obtenção do título de licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal do Acre (UFAC).

Aprovado em 27 de janeiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Orientadora – UFAC)

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva (Examinadora Interna – UFAC)

Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira (Examinadora Interna – UFAC)

RIO BRANCO
2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, meus agradecimentos vão aos meus pais, que foram a base de tudo, meu pai Gelson Brasil, e em especial à minha mãe Francisca Portela, que esteve comigo em todos os momentos, enfrentando dificuldades e desafios com coragem e amor incondicional. Sem o apoio dela, muitas das minhas conquistas não teriam sido possíveis. Agradeço também à minha família por sempre me incentivar. Em especial, dedico este trabalho ao meu filho Luiz Miguel, a razão da minha vida, que, com paciência e amor, muitas vezes precisou me acompanhar até a universidade, mostrando que esta jornada é tanto minha quanto dele.

Aos meus amigos de turma, Emilly Mesquita, Igor Gondim, Talisson Gomes e Marcylane dos Anjos, que caminharam comigo lado a lado durante essa jornada acadêmica, compartilhando desafios, aprendizados e muitas vitórias. Vocês foram mais do que colegas; foram uma verdadeira família dentro da universidade. Às minhas amigas de infância, Jardane Paulino e Gabriela Souza, que, mesmo ao longo dos anos, nunca soltaram minha mão, meu carinho e gratidão eternos.

À minha querida amiga Linda Nascimento, que foi um verdadeiro foco de força para mim, inspirando-me a continuar e a nunca desistir, mesmo quando parecia difícil. Ao João Paulo Magalhães, amigo do coração, que não só esteve presente em todos os momentos, mas também me ajudou em cada detalhe técnico, oferecendo apoio incansável e sendo uma verdadeira fonte de confiança nos momentos mais necessários.

Meu agradecimento especial à professora Ivanete de Freitas, que com seu carinho, paciência e dedicação, me manteve firme nos estudos, incentivando-me a seguir em frente mesmo quando os desafios pareciam maiores que eu. À minha orientadora Vivian Gonçalves, minha guia nessa jornada tão desafiadora, por ter aceitado sem hesitar o papel de orientar este trabalho, me mostrando caminhos, incentivando meu crescimento acadêmico e acreditando no meu potencial do início ao fim.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista, seja com palavras de apoio, gestos de carinho ou pela simples presença nos momentos mais importantes. Cada um de vocês fez parte dessa realização, e este trabalho é também um pouco de vocês.

RESUMO

A onomástica é a disciplina que abrange o estudo dos nomes próprios, enquanto a toponímia é um subcampo que se concentra especificamente nos nomes de lugares e suas origens, significados e usos. Neste trabalho a proposta foi identificar as motivações semânticas que influenciam a criação de sinais utilizados para nomear alguns espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre (UFAC). A pesquisa buscou identificar e registrar esses sinais, examinando como eles refletem aspectos culturais e funcionais desses locais. A partir dos dados gerados mediante entrevistas que foram realizadas com surdos da universidade, para analisar como se referem a esses espaços com motivações diversas: Socio, Grafema e Acronimotopônimo. Os dados confirmaram a presença de diferentes categorias simbólicas e diversidade morfológica ressaltando a riqueza estrutural dos sinais utilizados pela comunidade surda. A fundamentação teórica é construída com base nas contribuições dos estudos realizados por Sousa (2021, 2022), Dick (1980, 1992), Quadros (2019), Silva (2023), Brito (1998), Felipe (2006).

Palavras-chave: Toponímia. Língua Brasileira de Sinais. Rio Branco. Universidade Federal do Acre.

ABSTRACT

Onomastics is the discipline that encompasses the study of proper names, while toponymy is a subfield that focuses specifically on place names and their origins, meanings, and uses. The aim of this study was to identify the semantic motivations that influence the creation of signs used to name some academic spaces at the Federal University of Acre (UFAC). The research sought to identify and record these signs, examining how they reflect cultural and functional aspects of these places. Based on data generated through interviews conducted with deaf people at the university, to analyze how they refer to these spaces with different motivations: Socio, Grapheme and Acronymotponym. The data confirmed the presence of different symbolic categories and morphological diversity, highlighting the structural richness of the signs used by the deaf community. The theoretical foundation is constructed based on the contributions of studies carried out by Sousa (2021, 2022), Dick (1980, 1992), Quadros (2019), Silva (2023), Brito (1998), Felipe (2006).

Keywords: Toponymy. Brazilian Sign Language. Rio Branco. Federal University of Acre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Onomástica e suas subáreas.....	13
Figura 2	CM em Libras.....	22
Figura 3	Universidade Federal do Acre (UFAC).....	28
Figura 4	Sinal de UFAC.....	28
Figura 5	Restaurante Universitário R.U.....	29
Figura 6	Sinal de RU.....	29
Figura 7	Núcleo de Registro e Controle Acadêmico (NURCA).....	30
Figura 8	Sinal de NURCA 1.....	30
Figura 9	Sinal de NURCA 2.....	31
Figura 10	Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI).....	32
Figura 11	Sinal de NAI.....	32
Figura 12	Diretório Central dos Estudantes (DCE).....	33
Figura 13	Sinal de DCE.....	34
Figura 14	Centro de Educação, Letras e Artes (CELA).....	35
Figura 15	Sinal de CELA.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Classificação dos Topônimos.....	16
Quadro 2	Links dos sinais toponímicos.....	26
Quadro 3	Síntese dos Dados.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1	Onomástica.....	12
2.1.1	<i>Toponímia.....</i>	13
2.1.2	<i>Toponímia em Libras.....</i>	14
2.2	A Libras e o ato de dar sinal.....	17
2.2.1	<i>Os parâmetros em línguas de sinais.....</i>	20
3	METODOLOGIA.....	23
3.1	Caracterização da pesquisa.....	23
3.2	Procedimentos, coleta das informações e arquivamento.....	24
4	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	27
4.1	Universidade Federal do Acre (UFAC).....	27
4.2	Restaurante Universitário (R.U).....	29
4.3	Núcleo de Registro e Controle Acadêmico (NURCA).....	30
4.4	Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI).....	31
4.5	Diretório Central dos Estudantes (DCE).....	33
4.6	Centro de Educação, Letras e Artes (CELA).....	24
4.7	Resultados.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Focado na área da Toponímia em Libras, este trabalho propõe uma análise semântico-motivacional e morfológica da criação de sinais para os espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre. A motivação para investigar como as pessoas surdas nomeiam os lugares em Libras (Língua Brasileira de Sinais) surgiu tanto a partir da observação de pesquisas realizadas por colegas e professores da graduação quanto do interesse em compreender o processo de nomeação de locais nessa língua. Estudos sobre essa temática são fundamentais, pois evidenciam a complexidade da Libras e da cultura surda, além de demonstrar como as pessoas surdas percebem e interagem com o ambiente ao seu redor.

As línguas de sinais, por muitos anos, não tiveram seu status linguístico reconhecido, sendo confundidas com gestos ou mímicas. Entretanto, a partir da década de 1960, os estudos do norte-americano Willian Stoke e a identificação de características linguísticas comuns a todas as línguas naturais, contribuíram para que essa visão começasse a ser modificada (Gesser, 2009). Muitos estudos sobre essas línguas (Souza, Monteiro, 2006; Souza, 2007; vêm sendo realizados desde então, incluindo aqueles que envolvem a ampliação do léxico da língua em diversas áreas.

A Toponímia, uma subárea da Onomástica, tem como foco o estudo de nomes de lugares/espaços geográficos. Dessa forma, a pesquisa foi fundamentada em estudos referentes à Toponímia e às línguas de sinais, com destaque para as contribuições de Ramos; Bastos (2010), Sousa (2022), Dick (1980) e Sousa e Quadros (2019). As pesquisas nesta área são recentes e há muito o que ser estudado, catalogado e analisado. Por muito tempo, as especificidades das línguas de sinais deixaram de ser registradas, devido às suas características visuais-espaciais. Por isso, estudos como aqui realizado contribuem para o reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais e também em sua divulgação.

Estudar como surgem os sinais utilizados para fazer referência a diferentes lugares ajuda a entender como a Libras funciona e como a comunicação/interação é organizada na comunidade surda¹. É, portanto, a partir da investigação dos fatores motivacionais que se passa a entender que o sinal de um local pode estar interligado

¹ A comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em uma determinada localização (Strobel, 2008, p. 31).

à vários referentes, entre eles sociais, linguísticos, de percepção, de necessidade comunicativa, histórico, cultural e outros (Marques, 2008).

Os surdos, a partir do reconhecimento da Libras (Lei nº 10.436/2002) como língua das comunidades de pessoas surdas do Brasil, começaram a ter acesso a muitos espaços, antes inacessíveis devido às diferenças linguísticas, incluindo os ambientes universitários, dentre eles a Universidade Federal do Acre (UFAC). Quando os surdos começam a frequentar a UFAC e dela fazer parte, é natural, que seus espaços sejam nomeados também em Libras.

A Língua Brasileira de Sinais é a principal (mas não a única)² forma de comunicação da comunidade surda no Brasil e possui estrutura gramatical própria, diferente do português. O ato de dar sinal é um aspecto essencial dessa língua e refere-se à criação de sinais específicos para nomear pessoas, lugares ou objetos, muitas vezes baseados em características visuais, contextuais ou culturais (Quadros; Karnopp, 2009). Esse processo reflete a criatividade e a vivência coletiva dos surdos, reforçando sua identidade e o vínculo com a cultura surda. Dar sinal não é apenas uma questão linguística, mas também uma prática social que demonstra como a Libras se adapta e se enriquece com a experiência e a interação cotidiana (Strobel, 2008).

Como objetivo geral determinou-se: identificar as motivações semânticas que influenciam a criação de sinais utilizados para nomear alguns espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre (UFAC). Essa questão busca compreender os elementos linguísticos, culturais e contextuais que orientam essa prática, explorando como os significados atribuídos refletem a identidade surda e a interação com o ambiente acadêmico. Ao abordar esse problema, pretendeu-se ampliar o entendimento sobre os processos de nomeação na Libras e sua relação com a construção de sentidos e representações espaciais.

Para alcançar esse propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) verificar os sinais utilizados pela comunidade surda para se referir a seis espaços acadêmicos da UFAC; b) registrar os sinais em Libras correspondentes a esses locais; c) classificar morfologicamente os sinais arquivados; e d) analisar os aspectos semântico-motivacionais que influenciam a criação desses sinais pelos

² Segundo Costa (2023) na aldeia indígena Kaapor, alguns indígenas utilizam de uma língua de sinais própria. Chamada de língua de sinais Kaapor .

surdos de Rio Branco. Buscou-se compreender a relação entre língua, cultura e espaço na construção simbólica desses ambientes.

A UFAC é uma instituição que, como muitas outras universidades federais no Brasil, tem trabalhado para promover a inclusão e a acessibilidade para estudantes com diferentes necessidades, incluindo aqueles que são surdos. Possui seu principal campus, denominado Campus Sede, situado na cidade de Rio Branco, no estado do Acre. Este campus é o núcleo central da universidade e representa a sua maior unidade, desempenhando um papel crucial na administração e na oferta acadêmica da instituição. Além deste a universidade conta com os Campus Floresta: Localizado em Cruzeiro do Sul, e Campus Fronteira do Alto Acre: Localizado na cidade de Brasiléia.

A introdução apresenta o tema central, sua delimitação, objetivos e justificativa, fornecendo um panorama geral da pesquisa. Em seguida, a segunda seção é dedicada ao embasamento teórico, abordando tópicos fundamentais para a estruturação da análise, como Onomástica, Toponímia, Toponímia em Libras, e a Libras com foco no ato de dar sinal, destacando as bases conceituais que sustentam o desenvolvimento deste trabalho.

A terceira seção é dedicada à exposição detalhada da metodologia empregada na formulação da pesquisa, na qual são apresentados aspectos fundamentais como a finalidade do estudo, os objetivos a serem alcançados, a abordagem metodológica adotada e os procedimentos de coleta e análise de dados. Nessa seção, busca-se esclarecer de que maneira os dados foram tratados e os critérios utilizados para a seleção dos sinais e espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre, além de descrever a estrutura do processo de investigação. A quarta seção concentra-se na análise dos dados obtidos, discutindo as descobertas em relação aos objetivos propostos, e segue com as considerações finais, nas quais são refletidas as implicações dos resultados e possíveis desdobramentos para futuras pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão expostos os fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa, oferecendo uma análise abrangente dos principais conceitos e abordagens que guiaram todo o desenvolvimento do estudo. A partir de uma revisão aprofundada da literatura, são discutidos os conceitos essenciais a este trabalho.

2.1 Onomástica

A presente pesquisa está situada no campo da Onomástica, definida como “[...] o ramo das ciências linguísticas ocupado do nome próprio” (Ramos; Bastos, 2010, p. 87). A onomástica é fundamental para a compreensão de questões relacionadas à linguagem e cultura.

Os nomes próprios são mais do que simples rótulos; eles carregam significados históricos, culturais e sociais que ajudam a revelar as identidades e as experiências dos grupos que os utilizam. Através da análise onomástica, podemos perceber especificidades históricas e as mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos (Doro, 2010), sendo uma área com característica interdisciplinar:

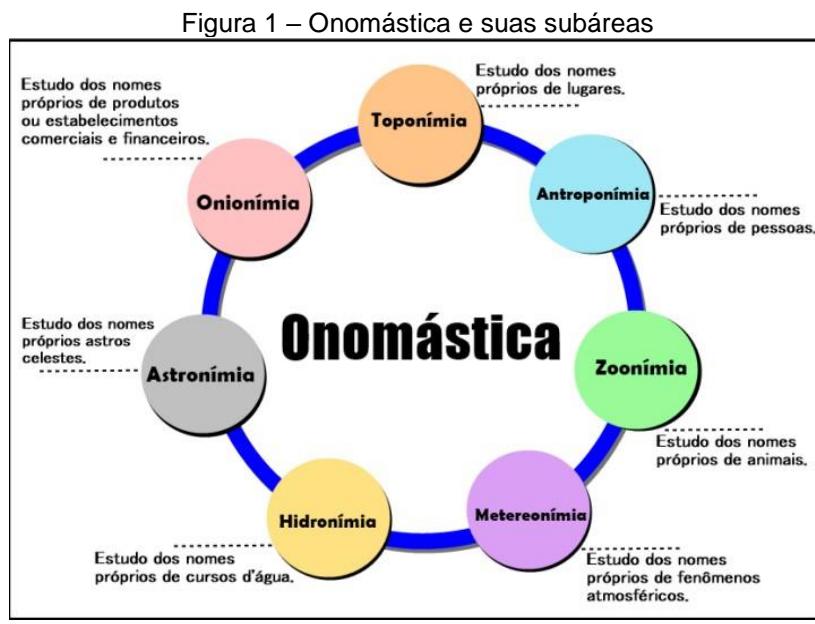
Embora definida como um campo das ciências da linguagem, a Onomástica se constrói a partir do suporte de outros campos do saber, tendo o que atualmente se chama caráter inter ou, ainda, transdisciplinar. Logo, o seu conhecimento se relaciona ao de outras áreas, sem confundir-se com eles, nem negá-los. Ela assume, assim, uma perspectiva capaz de integrar métodos e um número considerável de conhecimentos de campos muito diversos de maneira direta ou vertical e indireta ou horizontal, predominando, contudo, a perspectiva linguística, com valoração, em particular, da pesquisa etimológica (Ramos; Bastos, 2010, p. 87).

Entende-se, portanto, que se trata de uma disciplina que abrange os aspectos relacionados à origem, significado e uso dos nomes próprios, proporcionando uma visão abrangente sobre como esses nomes refletem e influenciam a cultura, a história e a identidade das sociedades. A este respeito, Sousa exemplifica:

Como vemos, além dos nomes próprios de pessoas (Antropónímia) e dos nomes próprios de lugares (Toponímia), há o estudo dos nomes próprios de astros celestes – como Halley, que dá nome a um cometa – (Astronímia), de fenômenos atmosféricos – como Katrina, que dá nome a um furacão (Metereonímia); de animais – como Dolly, que dá nome à ovelha clonada (Zoonímia); de cursos d’água, como Véu da Noiva, que dá nome a uma

cachoeira localizada em Mato Grosso (Hidronímia); de produtos e estabelecimentos comerciais, como Coca-Cola, que dá nome a um refrigerante (Onionímia), entre outros (Sousa, 2022, p. 13).

Para exemplificar o que foi mencionado, Sousa (2022) oferece o seguinte diagrama:



Fonte: Sousa (2022, p. 14)

Sousa (2022) nos mostra que a onomástica abrange diversos campos de estudo, cada um com seu foco. Neste trabalho, direcionamos o nosso olhar, como mencionado, para a subárea da toponímia que se ocupa da pesquisa de nomes de lugares/espaços.

2.1.1 *Toponímia*

Segundo Dick (1980), a toponímia é o ramo da onomástica que estuda os nomes próprios de lugares. A palavra "toponímia" deriva do grego "tópos" (lugar) e "onoma" (nome). Este estudo abrange a origem, a evolução e o significado dos nomes geográficos, bem como os aspectos culturais, históricos e linguísticos envolvidos na nomeação dos lugares. Dick (1980) enfoca a relação dos nomes com o contexto sociocultural e histórico da região, destacando a importância dos topônimos como fontes para o entendimento da ocupação humana e dos aspectos culturais de uma região.

Observa-se que existem diversos fatores que podem influenciar a nomeação de áreas topográficas, variando conforme as características físicas e culturais do local, bem como aspectos sociais, históricos e comunicacionais de uma comunidade. Dick (1980) explica:

Exercendo na Toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam [...] como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (Dick, 1980, p. 5).

Sousa e Quadros (2019) afirmam que:

O fato é que a Toponímia abrange a cultura em geral e propicia investigações tanto no campo da linguística como de outras áreas de conhecimento, permitindo intercruzar dados culturais de uma dada comunidade linguística a fim de conhecer peculiaridades cognitivas do usuário da língua tanto numa perspectiva individual quanto coletiva, para, a partir daí, conhecer os fatores que possivelmente motivaram a nomeação de um determinado lugar (Sousa; Quadros, 2019, p. 140).

Tendo em vista que se trata de um campo da linguística que também é interdisciplinar, a topografia pode ser estudada na área da Libras, referindo-se dessa forma aos sinais específicos usados para representar os nomes de lugares. Estudos com este foco já tem sido desenvolvido no país. Sousa (2021), por exemplo, faz um apanhado de pesquisas teóricas aplicadas ao ensino com foco na topografia em Libras e em outras línguas. Isto posto, nos debruçamos a seguir, nos estudos da topografia em Libras.

2.1.2 Toponímia em Libras

Das possibilidades que os estudos da topografia em Libras podem trazer, Sousa (2021) explica que poderá possibilitar o entrelaçamento de diferentes áreas de conhecimento, contextos e sob o olhar de diferentes culturas.

Para esclarecer, o autor cita sobre a influência cultural na nomeação e explica a relação entre forma e referente:

[...] Será, desse modo, uma oportunidade para resgatar os significados e as referências refletidas nos nomes próprios de lugares e a influência cultural de cada nomeação. Aspectos relacionados à relação entre a forma do sinal e seu referente também dará ao professor possibilidades de discutir a composição do sinal, a característica icônica das línguas sinalizadas e os processos de criação dos sinais topográficos (Sousa, 2021, p. 32).

Refletindo sobre os nomes próprios dos lugares, entendemos que esses itens são dotados de significantes que dão sentido a essa relação íntima entre a forma e o componente.

No universo de componentes lexicais, localizam-se os topônimos, ou seja, os nomes próprios de lugares – itens que carregam simbolismos e que constroem sentidos com base na relação entre a forma linguística do signo e o componente semântico motivacional, inerente aos fatores que influenciaram no nomeador no ato do batismo. Assim como ocorre nas línguas orais, os topônimos (sinais topográficos) nas línguas de sinais revelam as construções ideológicas, os fatores socioculturais, os movimentos históricos, as descrições simbólicas dos ambientes que recebem os designativos (Sousa, 2021, p. 16).

Compreendemos que várias questões podem influenciar a constituição dos nomes próprios de lugares (topônimos), refletindo diferentes aspectos da identidade e da história local. Fatores como características geográficas, elementos naturais, eventos históricos, figuras importantes, cultura popular e até mesmo lendas e tradições podem servir de inspiração para a escolha do nome de um local.

Sousa e Quadros (2019) explica que, na classificação morfológica dos topônimos, é preciso levar em conta a estrutura do sinal na língua de origem, incluindo influências de possíveis empréstimos linguísticos. A análise da estrutura morfológica dos sinais é essencial, pois compreender a constituição dos sinais em Libras é fundamental para entender a língua como um todo. Isso envolve o conhecimento sobre a formação dos sinais, os padrões de uso e a forma como os elementos morfológicos se combinam para expressar significados específicos. Essa análise morfológica é de grande importância para o ensino, a aprendizagem e a transmissão da língua de sinais, facilitando uma comunicação mais clara e um entendimento mais profundo da Libras.

A análise da estrutura morfológica de sinais topográficos leva em consideração a formação sugerida por Dick (1992), que consiste em um termo genérico seguido de um termo específico. Em relação ao termo específico,

observamse diferentes formas de estruturação: simples, composta e híbrida, caracterizadas de acordo com a modalidade própria das línguas de sinais. Sousa (2021) propôs um esquema para classificar morfologicamente os sinais topográficos em língua de sinais, considerando esses diferentes tipos de formação:

a) formação simples, quando há apenas um formativo da língua de sinais nativa; b) formação simples híbrida, quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura; c) formação composta, quando há mais de um formante, e todos os elementos são da língua de sinais nativa; e d) formação composta híbrida, quando contém mais de um formate: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa, e pelo menos outro com empréstimo de língua oral ou outra língua de sinais distinta da nativa) (Sousa, 2021, p. 46).

Leva-se em conta que elementos de natureza física ou antropocultural influenciam o processo de nomeação, como será detalhado a seguir. Dick (1986, p. 33) sugere categorias para a classificação dos topônimos:

Quadro 1 - Classificação dos Topônimos

CATEGORIAS TAXONÔMICAS (tipos)	
DICK (1986)	FÍSICA
	Astrotopônimos: topônimos que fazem referência aos astros (corpos celestes) em geral;
	Cardinotopônimos: topônimos que fazem relação às posições geográficas em geral (norte, sul, leste, nordeste etc.);
	Cromotopônimos: topônimos que fazem relação às cores em geral;
	Dimensiotopônimos: topônimos que fazem relação às dimensões dos acidentes geográficos (tamanhos, alturas, etc.);
	Fitotopônimos: topônimos que fazem relação à flora;
	Geomorfotopônimos: topônimos que fazem relação às formas dos acidentes geográficos;
	Hidrotopônimos: topônimos que fazem relação às águas, à hidrografia em geral;
	Litotopônimos: topônimos que fazem relação aos elementos minerais ou aos elementos do solo;
	Meteorotopônimos: topônimos que fazem relação aos diferentes fenômenos atmosféricos;
	Morfotopônimos: topônimos que fazem relação às formas geométricas;
	Zootopônimos: topônimos que fazem relação à fauna.
ANTROPOCULTURAL	
Animotopônimos: topônimos que fazem relação à vida psíquica, à cultura espiritual, aos sentimentos;	
Antropotopônimos: topônimos que fazem relação aos nomes próprios (nome, sobrenome, apelidos) de pessoas;	
Axiotopônimos: topônimos que fazem relação aos títulos, patentes, dignidades que acompanham nomes próprios de pessoas;	
Corotopônimos: topônimos que fazem relação a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes;	
Cronotopônimos: topônimos que fazem relação aos marcadores de tempo (cronologia) representados pelos adjetivos novos(as), velhos(as);	

Continua.

Quadro 1 - Classificação dos Topônimos (continuação)

CATEGORIAS TAXONÔMICAS (tipos)	
DICK (1986)	ANTROPOCULTURAL
	Ecotopônimos: topônimos que fazem relação aos tipos de habitações em geral;
	Ergotopônimos: topônimos que fazem relação aos elementos da cultura material;
	Etnotopônimos: topônimos que fazem relação aos elementos étnicos (povos, tribos, castas);
	Dirrematopônimos: topônimos formados por frases, orações;
	Hierotopônimos: topônimos que fazem relação a nomes sagrados das diferentes crenças diversas, locais religiosos etc. Podem ser: Hagiotopônimos: topônimos que fazem relação os nomes de santos ou santas do hagiólógio católico romano;
	Mitotopônimos: topônimos que fazem relação a entidades mitológicas;
	Historiotopônimos: topônimos que fazem relação a personalidades, datas ou fatos históricos;
	Hodotopônimos: topônimos que fazem relação às vias de interligação urbana ou rural;
	Numerotopônimos: topônimos que fazem relação aos numerais;
FRANCSQUIN -	Poliotopônimos: topônimos que formam com vocábulos como: vila, aldeia, cidade, povoação, arraial;
	Sociotopônimos: topônimos que fazem relação às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade;
	Somatopônimos: topônimos que fazem relação, metaforicamente, às partes do corpo.
	OUTROS
FRANCSQUIN -	Acronimotopônimo: topônimos relacionados a siglas e abreviações;
	Necrotopônimos: topônimos associados aos falecidos ou a características fúnebres;
	Igneotopônimo: topônimos ligados ao fogo;
	Grafematopônimo: topônimos que fazem referência às letras do alfabeto.

Fonte: Adaptado pela autora

Analizar os mecanismos envolvidos no ato de sinalizar, em línguas de sinais, é fundamental para compreender as dinâmicas culturais e sociais envolvidas nesse processo. Dar sinal é um fenômeno linguístico que vai além da simples designação de objetos ou lugares; ela reflete a percepção e a experiência de um grupo, além de transmitir valores, identidades e histórias coletivas (Gentil, 2023). Sendo assim, em sequência apresentamos mais sobre o assunto.

2.2 A Libras e o ato de dar sinal

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua visual-espacial usada pela comunidade surda no Brasil. Ela é uma forma de comunicação visual-espacial com uma estrutura gramatical própria e diferente do português. Tendo em vista que “exibese em uma modalidade que utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida” (Quadros, 2019, p. 25). Assim como qualquer outra língua,

a Libras possui regras de sintaxe, morfologia semântica, sendo reconhecida oficialmente no Brasil pela Lei nº 10.436/2002.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

A lei estabelece que a Libras deve ser usada para garantir o direito à comunicação das pessoas surdas, especialmente no sistema educacional e nos serviços públicos. Além disso, o Decreto nº 5.626, de 2005 (Brasil, 2005) regulamentou essa lei, determinando a inclusão de Libras nos currículos de formação de professores e a presença de tradutores-intérpretes de Libras em instituições públicas para garantir o acesso de pessoas surdas a diversos serviços. Isso tem contribuído significativamente para a inclusão social e educacional das pessoas surdas no país.

A Libras pode expressar qualquer conceito, assim como as línguas orais, sendo eles abstratos, técnicos e cotidianos. Como expõe Brito (1998, p. 19):

As línguas de sinais são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque, devido à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito — descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato—enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (Brito, 1998, p. 19).

A comunicação em língua de sinais utiliza o espaço referencial como uma ferramenta essencial para organizar a comunicação e fornecer clareza no discurso, esse espaço permite que o falante de Libras estabeleça pontos de referência que serão usados ao longo da conversação. Silva (2023) explica que a base de toda estrutura gramatical da Libras está no uso do espaço referencial.

O uso do espaço referencial e suas especificações, é um assunto de extrema relevância, pois é a base de toda estrutura gramatical da Libras, entende-se que a língua de sinais por ser uma língua visual espacial, torna-se totalmente dedicada e estudada com a utilização do espaço referencial. A língua é um sistema de referentes, onde esse espaço abre discurso para articulações e estratégias linguísticas, tornando-as coesas. A gramática da Libras tem seu foco no espaço referencial e para construção deste, surge um agrupamento de componentes gramaticais, que se completam enquanto uso da língua (Silva, 2023, p. 3).

A clareza e a variedade de sinais em Libras são essenciais para uma comunicação precisa e eficaz, permitindo que a mensagem seja compreendida de forma clara e dentro do objetivo linguístico. Portanto a clareza no discurso em Libras é fundamental para garantir que a comunicação seja precisa e eficaz, então ter riqueza de sinais no repertório é muito importante. Lidar bem com a complexidade da língua de sinais deixa o enunciado dotado de sentido e faz com que o receptor da mensagem entenda claramente o que está sendo dito dentro do objetivo linguístico. A este respeito, Brito (1998) explica que:

As línguas de sinais são complexas porque dotadas de todos os mecanismos necessários aos objetivos mencionados, porém, econômicas e "lógicas" porque servem para atingir todos esses objetivos de forma rápida e eficiente e até certo ponto de forma automática. Tratando-se de significados que demandam operações complexas que devem ser transmitidas prontamente diante de diferentes situações e contextos, seus usuários terão que se utilizar dos mecanismos estruturais que elas oferecem de forma apropriada sem ter que pensar e elaborar longamente sobre como atingir seus objetivos linguísticos (Brito, 1998, p. 19).

O processo ou ação de nomear é fundamental para a formação dos léxicos das línguas naturais, sendo contínuo. Isso significa que, à medida que novas necessidades de comunicação surgem, novos termos, palavras ou sinais são criados e incorporados ao vocabulário da língua, garantindo sua constante ampliação e adaptação às mudanças culturais, tecnológicas e sociais. Sousa (2022) argumenta que:

É na ação de nomear que se formam os léxicos das línguas naturais e em processos contínuos, pois, a cada momento, novos itens vão sendo criados, renovados ou suprimidos. Esse processo de criação ocorre por diferentes razões: uma nova invenção tecnológica, uma descoberta científica, uma nova espécie animal ou vegetal, um filho que vai nascer, um espaço comercial que será inaugurado, uma palavra que ganha novo significado em um determinado grupo de pessoas, uma necessidade de expressar um sentimento, entre outras (Sousa, 2022, p. 20).

Entendendo a complexidade do discurso em língua de sinais, passamos a nos debruçar sobre a formação de sinais em Libras. Esse processo é pesquisado por Felipe (2006), que explica: “da concepção de que o sinal, nas línguas gestual-visuais, corresponderia ao que vem sendo chamado, nas línguas oral-auditivas, de palavra, ou seja, item lexical, mostrará como ocorrem os processos de formação de sinais na Libras”.

Para entender este processo, a autora explica:

Por isso, ao se considerar os processos de formação de palavras, deve-se destacar os inputs, que são as diferenças básicas entre as regras de modificação de raiz - alterações sistemáticas de uma base através da adição ou supressão de afixos ou modificações internas, e as regras de composição - conjunto de duas ou mais bases, que se combinam em uma outra forma, a partir de outro elemento ou modificações concomitantes (Felipe, 2006, p. 202).

Este ato de dar um sinal é um processo que não segue exatamente o mesmo princípio das línguas orais, como o português. Em vez de formar palavras juntando letras ou sons, em Libras a comunicação é feita por meio de sinais que representam conceitos, objetos, ações e ideias e que possuem os parâmetros como constituintes sendo que, quando combinados, resultam em diferentes significados.

Diante das contribuições citadas, entende-se que o ato de dar sinais em Libras envolve o uso desses parâmetros, fundamentais para garantir que a comunicação seja precisa e clara. Além disso, a necessidade de comunicação eficaz exige que o sinalizante selecione os sinais adequados ao contexto e execute-os de forma clara, usando as expressões e o espaço referencial corretamente, para garantir que a mensagem seja compreendida sem ambiguidades.

Em sequência, nos parâmetros em línguas de sinais e suas especificações.

2.2.1 Os parâmetros em línguas de sinais

Quadros e Karnopp (2004) destacam que as pesquisas sobre a fonologia das línguas de sinais têm como objetivo identificar as unidades mínimas que compõem os sinais, além de analisar os padrões de combinação entre essas unidades e as variações que podem ocorrer no contexto fonológico. São exploradas as características dos cinco parâmetros, conectando-os à Libras, como é exposto a seguir.

A Configuração de mão (CM) – diz respeito ao formato da(s) mão(s) durante a execução do sinal; o movimento (M) realizado durante a realização do sinal ou mesmo sua ausência; ponto de articulação (PA) - o local de sua realização, sendo à frente do corpo ou próximo a ele (Stokoe, 1960 *apud*, Felipe, 2006) são parâmetros fundamentais, constituintes dos sinais. Após os estudos de Stokoe, outros dois parâmetros foram identificados, sendo a direcionalidade/orientação (Dir/O) – a direção

que a mão assume ao ser realizado um sinal e os traços não-manais – expressões faciais e corporais (E) (Ekman, 1978; Aarons *et al.*, 1992, *apud* Felipe, 2006).

Portanto, temos cinco parâmetros que são elementos essenciais que constituem a formação dos sinais. Para melhor detalhá-los, trago a síntese: Configuração de Mão: Refere-se à forma como as mãos são posicionadas ao fazer um sinal, ou seja, o formato das mãos durante a execução do sinal. Cada letra do alfabeto manual, por exemplo, tem uma configuração específica de mão, estas configurações de mãos, vão além das representações do alfabeto, há diversas (Figura 2); Ponto de Articulação: Define o local no espaço em que o sinal é feito, geralmente próximo ao corpo ou em frente ao rosto. O ponto de articulação pode ser em diferentes partes do corpo, como na frente do tronco, perto da cabeça ou nas laterais do corpo.; Movimento: Relaciona-se ao deslocamento das mãos durante a realização do sinal. O movimento pode ser para frente, para trás, para cima, para baixo, circular, entre outros, dependendo do sinal.; Orientação da Mão: Diz respeito à direção em que a palma da mão está voltada durante a realização do sinal. A orientação pode ser voltada para cima, para baixo, para o lado, entre outras variações.; Expressão Facial/Corporal: A expressão facial é fundamental pois transmite aspectos emocionais e gramaticais do sinal, como negação, perguntas, surpresa, entre outros. A expressão facial pode alterar o significado do sinal, como em frases interrogativas ou exclamativas.

Quadros e Karnopp (2004, p. 88) explicam que “[...] sinalizadores da língua de sinais brasileira soletram palavras do português em uma variedade de contextos, para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente [...]. Isto posto, entendemos que os sinalizadores (ou usuários da língua) frequentemente utilizam a soletração para representar palavras do português em situações diversas, especialmente quando precisam introduzir palavras técnicas ou termos que não possuem sinais equivalentes estabelecidos. A soletração, nesse contexto, serve como uma ferramenta de adaptação linguística, permitindo que termos importados, nomes próprios ou palavras de difícil tradução sejam incorporados à comunicação em Libras.

Sabendo que há diversas configurações de mãos em Libras, e que cada uma delas pode modificar o significado do sinal, Souza e Monteiro (2006) apresentam 64 configurações de mãos (CM):

Figura 2 – CM em Libras



Fonte: Souza e Monteiro (2006, p. 28)

Com base no exposto por Souza e Monteiro (2006), fica evidente a complexidade e riqueza desse sistema linguístico. Cada configuração de mão desempenha um papel essencial na construção de significado, podendo alterar a mensagem transmitida dependendo do contexto e da combinação com outros parâmetros. Essa diversidade ressalta a importância de um conhecimento aprofundado das CM para compreender plenamente a gramática e a expressividade da Libras, ampliando tanto o domínio linguístico quanto a interação comunicativa entre seus usuários. Ao compreender os parâmetros, é possível decompor um sinal e analisar sua estrutura, o que facilita tanto a memorização quanto a elaboração de novos sinais.

A seguir, será descrita a metodologia adotada para a coleta e a análise dos dados desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, serão apresentados os aspectos metodológicos referentes à finalidade, aos objetivos, à abordagem e aos procedimentos que são adotados para a execução da pesquisa. A metodologia define as estratégias, técnicas e procedimentos utilizados para conduzir o estudo e responder às questões de pesquisa, orientando a geração, análise e interpretação dos dados.

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa tem uma natureza aplicada, uma vez que busca produzir conhecimentos com potencial para uso prático, de acordo com os interesses locais. O estudo foca no mapeamento de seis sinais topográficos referentes a espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre, analisando os aspectos semânticos e motivacionais que influenciaram a criação desses sinais (UFAC, R.U, NURCA, NAI, DCE, CELA) pelos membros da comunidade surda da universidade.

É, portanto, de caráter aplicado, com o objetivo de "produzir conhecimentos voltados para a prática, direcionados à resolução de problemas específicos e relacionados a contextos e interesses locais" (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 35). Nesse sentido, o estudo e a divulgação desses sinais contribuirá com a difusão da língua de sinais, especialmente na Ufac. Essa abordagem reforça o que Gil (2008, p. 27) destaca: "a pesquisa aplicada [...] baseia-se em suas descobertas e se aprimora com o desenvolvimento; no entanto, sua principal característica é o foco na aplicação prática, utilização e impacto dos conhecimentos gerados."

A metodologia utilizada tem caráter descritivo, pois envolve a descrição detalhada e a classificação morfológica dos sinais selecionados. Além disso, são analisados os fatores semânticos e motivacionais que influenciam o processo de criação e uso desses sinais na comunidade surda. A análise busca entender como os sinais refletem a realidade sociocultural local, revelando as motivações e as relações simbólicas entre os sinais e os espaços que representam.

Trivinos (1987) explica que a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Assim, este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

Assim, registrar os sinais e examinar tanto sua estrutura quanto as categorias morfológicas que fundamentam as escolhas feitas pela comunidade surda ao nomear esses locais faz com que esta pesquisa seja descritiva. Ao abordar os aspectos linguísticos e culturais complexos da Língua Brasileira de Sinais, o estudo ultrapassa a simples descrição formal dos sinais, explorando também a profundidade dos significados presentes na língua.

A metodologia desta pesquisa enquadra-se no paradigma qualitativo, uma vez que o objetivo principal é compreender, o processo de nomeação e a classificação dos topônimos na Língua Brasileira de Sinais. Ao descrever e analisar como esses sinais foram criados, busca-se não apenas mapear os aspectos formais, mas também explorar as circunstâncias e contextos específicos em que ocorreram essas criações. Dessa forma, a pesquisa pretendeu revelar as dinâmicas históricas, culturais e sociais que moldaram o desenvolvimento desses sinais, contribuindo para uma compreensão mais ampla da relação entre língua, espaço e identidade na comunidade surda. Além disso, ao destacar a interconexão entre os contextos de criação dos topônimos e o uso prático no cotidiano, o estudo oferece uma visão holística do papel que os sinais desempenham na construção do espaço cultural e linguístico dessa comunidade.

Gerhardt e Silveira (2009) explica que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 34).

Essa abordagem possibilita uma exploração minuciosa dos contextos, percepções e vivências dos participantes, resultando em insights mais profundos e abrangentes.

3.2 Procedimentos, coleta das informações e arquivamento

Neste trabalho foi feita uma pesquisa de campo com a finalidade de obter informações sobre fenômenos ou suas interações, gerando, a partir de entrevistas com surdos da academia, os dados para o estudo. Severino (2017) explica que:

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (Severino, 2017, p. 90).

O levantamento dos topônimos foi realizado por meio de uma abordagem direta, em que a autora verificou cada um pessoalmente, registrando-os por meio de fotografias que garantem a fidelidade e autenticidade dos dados coletados. Além disso, foram conduzidas entrevistas detalhadas com informantes locais, as quais foram gravadas para assegurar a preservação integral das informações obtidas. Esses dois procedimentos complementares permitiram reunir os dados, que são essenciais para a fundamentação e análise da pesquisa.

Os locais que foram analisados abrangem seis áreas distintas da Universidade Federal do Acre (UFAC). Esses espaços incluem o sinal da própria universidade UFAC, o Restaurante Universitário (R.U), um ponto central de alimentação para os alunos; o Núcleo de Registro e Controle Acadêmico (NURCA), responsável por questões administrativas e acadêmicas; o Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), que oferece suporte a estudantes com necessidades especiais; o Diretório Central dos Estudantes (DCE), entidade de representação estudantil; e o Centro de Educação, Letras e Artes (CELA), que abriga atividades acadêmicas relacionadas a essas áreas do conhecimento.

Após estabelecer contato com os participantes surdos e obter seu consentimento para integrar o estudo, foi agendada uma entrevista individual com cada um deles. Para a ocasião, foi preparado um material contendo imagens e os nomes de diferentes espaços acadêmicos, que seriam apresentados durante a entrevista. As conversas ocorreram presencialmente, com as respostas sendo sinalizadas e registradas em vídeo para análise posterior.

Em cada entrevista foram exibidas imagens dos espaços referidos, e os participantes foram questionados sobre os sinais que utilizam para se referir a esses estabelecimentos.

Ao final das 4 entrevistas realizadas, os vídeos foram armazenados e carregados em um canal privado da pesquisadora no YouTube. Todo o material foi legendado em língua portuguesa e organizado de forma a identificar os locais estudados, combinando imagens dos espaços com a sinalização feita pela autora.

Segue os links referentes aos sinais para acesso:

Quadro 2 – Links dos sinais topográficos

Sinal	Link
Universidade Federal do Acre (UFAC)	https://youtube.com/shorts/aWII4Z5bE4?si=CJWzp2j3hOEYHo_Y
Restaurante Universitário (R.U)	https://youtube.com/shorts/W_41a2W5vUc?si=fizMhZBd7FjZqzoG
Núcleo de Registro e Controle Acadêmico (NURCA)	https://youtube.com/shorts/vMJ6qzHvAFY?si=TNR4 rY-y_XZ7Pyns
Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI)	https://youtube.com/shorts/T2g6C0mUlPA?si=v7Cxjd_SL7mXp7gz
Diretório Central dos Estudantes (DCE)	https://youtube.com/shorts/OJM3ITzLlw?si=sqzqpdm2AkEM6kGW
Centro de Educação, Letras e Artes (CELA)	https://youtube.com/shorts/tRN EO2vBwj4?si=FCNTa7Nj7873qWh

Fonte: Dados gerados pela autora

A seguir, apresenta-se a análise dos dados da pesquisa registrados pela autora. Cada sinal é exibido, juntamente com a motivação para sua criação, sendo relacionados aos estudos da área com base na observação de suas estruturas.

A organização da análise dos dados foi inspirada nos estudos realizados por Paiva (2021), que aborda a análise topográfica das escolas localizadas em Rio Branco (Acre), e Maia (2024) que analisa as motivações semânticas dos sinais topográficos dos hospitais da cidade de Rio Branco, Acre.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, serão analisados os sinais que representam os espaços acadêmicos selecionados da Universidade Federal do Acre (UFAC), incluindo o próprio sinal da instituição. O objetivo é desenvolver uma compreensão aprofundada desses sinais, considerando tanto sua formação quanto seu significado. A análise será realizada em duas etapas principais: primeiramente, procederemos à classificação morfológica dos sinais arquivados, destacando suas estruturas formais, configurações de mão, movimentos e pontos de articulação. Em seguida, examinaremos os aspectos semântico-motivacionais que influenciam a criação desses sinais, explorando como elementos diferentes contribuem para sua concepção e reconhecimento.

As configurações de mãos apresentadas nesta análise estão presentes na Figura 2 deste texto, em *Os parâmetros em línguas de sinais*, propostas por Souza e Monteiro (2006, p. 28). As formações morfológicas propostas por Sousa (2021, p. 46) estão presentes neste texto em *Toponímia em Libras*. As classificações semânticomotivacionais são baseadas em Dick (1986) e Francisquini (1998), presentes no Quadro 1, também neste texto em *Toponímia em Libras*

4.1 Universidade Federal do Acre (UFAC)

Considerada referência de qualidade em ensino pesquisa e extensão para toda a sociedade acreana, a Universidade Federal do Acre (Ufac) é a única universidade pública do Estado do Acre. Os cursos se distribuem em seus três campi - Rio Branco, Cruzeiro do Sul e Brasiléia – e em núcleos localizados em Feijó, Xapuri, Brasiléia, Tarauacá e Plácido de Castro. Está localizado na Ufac o maior laboratório natural do Estado do Acre, o Parque Zoobotânico, que possui mais de 200 hectares de extensão. Fica localizada em Rodovia BR 364, Km 04 - Distrito Industrial, Rio Branco - AC, 69920-900. A Ufac contempla programas de pesquisa, bem como projetos de extensão universitária nas diversas áreas do conhecimento humano, com programas de pós-graduação em níveis de mestrado e doutorado³.

³ Fonte: Universidade Federal do Acre - UFAC. Acadêmico: Mestrados e Doutorados. Disponível em: <https://www.ufac.br/site/academico/mestrados-e-doutorados>. Acesso em: 17 de mar 2025

Figura 3 - Universidade Federal do Acre (UFAC)



Fonte: Acervo da pesquisa

A representação visual do sinal, conforme ilustrado na Figura 1:

Figura 4 – Sinal de UFAC



Fonte: Acervo da pesquisa

Este sinal é identificado pela configuração de mão 24, conforme descrito por Souza e Monteiro (2006). Ele é realizado, acima do peito, com a palma da mão voltada para o corpo, tocando suavemente essa região. Observou-se que os quatro entrevistados utilizaram o mesmo sinal, sem apresentar qualquer variação. De acordo com a classificação proposta por Sousa (2021), trata-se de um sinal morfologicamente simples, pois é composto por apenas um elemento formativo da língua nativa, a Libras.

No âmbito semântico-motivacional, o sinal é classificado como Grafematópônimo, pertencente à categoria de topônimos que fazem alusão às letras do alfabeto. Nesse caso, ele remete à primeira letra da abreviação do nome da universidade, estando posicionado no local correspondente ao brasão da UFAC na vestimenta institucional.

4.2 Restaurante Universitário (R.U)

O Restaurante Universitário (RU) da Universidade Federal do Acre (Ufac) consegue atender mais de mil usuários a cada dia. Assim que efetua a matrícula institucional, o aluno da Universidade Federal do Acre (Ufac) tem acesso ao Restaurante Universitário (RU), que funciona de segunda a sábado e serve café da manhã, almoço e jantar.

Figura 5 - Restaurante Universitário (R.U).



Fonte: Acervo da pesquisa

Segue, na imagem, a representação do sinal.

Figura 6 – Sinal de R.U.



Fonte: Acervo da pesquisa

Neste caso, o sinal é realizado com duas configurações de mão: 25 e 24, posicionadas em ambas as laterais da boca, relacionando-o ao ato de comer. Assim, o sinal tem sua classificação morfológica como simples, uma vez que é composto por apenas o formativo da Libras.

Do ponto de vista semântico-motivacional, o sinal é categorizado como Grafematópônimo, uma categoria de topônimos que estabelece uma relação direta com as letras do alfabeto. Neste contexto específico, o sinal faz referência às iniciais do nome do local, "Restaurante Universitário", reforçando sua identidade por meio de uma conexão simbólica entre a forma gestual e o nome escrito.

4.3 Núcleo de Registro e Controle Acadêmico (NURCA)

O Núcleo de Controle Acadêmico é um órgão complementar de apoio à administração, unidade de coordenação das atividades fins, responsável pelo registro, controle e guarda de documentos da vida acadêmica dos discentes.

Figura 7 – Núcleo de Registro de Controle Acadêmico (Nurca)



Fonte: Acervo da pesquisa

A imagem a seguir ilustra o sinal.

Figura 8 -Sinal de NURCA 1



Fonte: Acervo da pesquisa

Figura 9 -Sinal de NURCA 2



Fonte: Acervo da pesquisa

O sinal analisado apresentou uma variação interessante: três dos entrevistados utilizaram a sequência “processo + acadêmico”, enquanto um optou pela combinação “centro + processo”. O primeiro sinal é realizado com a configuração de mão (CM) 62 em uma das mãos e 61 na outra, onde a CM 62 se encaixa na CM 61, simbolizando um gesto de integração. Já o segundo sinal utiliza as configurações 47 e 62, com a CM 47 posicionada acima da 62, tocando-a. Ambos os sinais são classificados morfologicamente como Compostos, dado que integram mais de um formativo característico da Libras.

No aspecto semântico-motivacional, os sinais são categorizados como Sociotopônimo, refletindo uma conexão direta com as atividades profissionais e institucionais. Ele simboliza a responsabilidade pelos registros gerais e todo o processo que envolve a vida acadêmica dos estudantes, destacando a relevância funcional e organizacional do contexto. Essa associação reforça a identidade do local e das ações desempenhadas, revelando um vínculo profundo entre a forma e o significado.

4.4 Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI)

O Núcleo de Apoio à inclusão (NAI), criado pela Resolução ne 14, de 30 de abril de 2008, da Reitoria, homologada pela Resolução CONSU no 10, de 18 de setembro de 2008, é uma unidade administrativa de apoio e assessoramento técnicopedagógico vinculada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PROAES, conforme

Resolução CONSU nº 002, de 22 de janeiro de 2013. O NAI tem por finalidade executar as políticas e diretrizes de inclusão e acessibilidade de estudantes e servidores com deficiência, garantindo ações de ensino, pesquisa e extensão, além de apoiar o desenvolvimento inclusivo do público-alvo da modalidade de Educação Especial, bem como orientar o desenvolvimento de ações afirmativas no âmbito da instituição. Com a missão de eliminação ou redução de barreiras pedagógicas, instrumentais, arquitetônicas, de comunicação e informação, impulsionando o cumprimento dos requisitos legais de acessibilidade⁴.

Figura 10 – Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI)



Fonte: Acervo da pesquisa

A imagem a seguir mostra o sinal correspondente.

Figura 11 – Sinal de NAI



Fonte: Acervo da pesquisa

⁴ Fonte: Universidade Federal do Acre (UFAC). Núcleo de Apoio à Inclusão da UFAC comemora 10 anos. Disponível em: <http://www2.ufac.br/site/noticias/2018/nucleo-de-apoio-a-inclusao-da-ufac-comemora-10anos>. Acesso em: 17 mar 2025.

Este sinal demonstrou uma consistência notável, uma vez que não apresentou variações: todos os entrevistados realizaram o mesmo gesto de maneira uniforme. Ele é caracterizado pela configuração de mão (CM) 24, com os dedos apontados para baixo, tocando a outra mão em configuração 62, cuja palma está voltada para cima. Ambas as mãos realizam um movimento diagonal ascendente em direção ao corpo, compondo uma ação fluida e simbólica. Na perspectiva morfológica, o sinal é classificado como simples, pois utiliza apenas um elemento formativo da língua nativa, a Libras.

Sob o aspecto semântico-motivacional, o sinal é identificado como um Sociotopônimo, conectando-se diretamente às atividades profissionais e funcionais do contexto. Ele alude ao sinal de "APOIO", porém enriquecido com a configuração manual que representa a letra inicial de NAI, estabelecendo uma relação simbólica com o núcleo e suas atividades de suporte. Essa escolha de configuração evidencia o caráter representativo do sinal, promovendo uma associação clara e intuitiva entre a forma gestual e as funções desempenhadas pelo núcleo, reforçando sua identidade institucional e funcionalidade no meio acadêmico.

4.5 Diretório Central dos Estudantes (DCE)

O Diretório Central dos Estudantes (DCE) é uma entidade estudantil que representa todos os estudantes da UFAC. Seu horário de atendimento é de segunda a sexta, 10h às 14h e das 16h às 20h. O DCE possibilita aos estudantes o debate e mobilizações relacionadas à UFAC, seus problemas, desafios gerais ou específicos, além de promover atividades culturais, entre outros.

Figura 12- Diretório Central dos Estudantes (DCE)



Fonte: Acervo da pesquisa.

A seguir, a imagem do sinal.

Figura 13 – Sinal de DCE



Fonte: Acervo da pesquisa.

Neste local, observou-se que dois surdos desconheciam o sinal correspondente, enquanto os outros dois apresentaram a datilologia⁵, utilizando uma sequência sinalizada bem definida. Essa sequência é composta por três configurações de mão (CM): 12, 51a e 46a, realizadas de forma sucessiva. Do ponto de vista morfológico, o sinal é classificado como Simples Híbrido, uma vez que combina elementos formativos que fazem referência direta às letras do nome do local em português. Essa característica híbrida destaca a versatilidade da Libras em integrar elementos da língua escrita, (emprestimo linguístico) criando uma ponte comunicativa entre as duas linguagens.

Quanto ao seu aspecto semântico-motivacional, o sinal é identificado como um Acronimotopônimo, categoria que abrange topônimos relacionados a siglas e abreviações. Essa motivação reflete a intenção de simplificar a identificação do local por meio de uma representação gestual compacta, mas semanticamente rica.

4.6 Centro de Educação, Letras e Artes (CELA)

O Centro de Educação, Letras e Artes (Cela) foi criado em 2008 com a fusão do Departamento de Educação e do Departamento de Letras. O centro possui oito

⁵ A **datilologia** em Libras, também conhecida como **alfabeto manual**, é um sistema que utiliza as mãos para representar as letras do alfabeto. Cada letra é formada por uma configuração específica da mão, permitindo soletrar palavras e nomes próprios. Fonte: <https://unidestrava.com.br/art/alfabetoem-libras>.

cursos de graduação: Artes Cênicas: Teatro, Letras/Espanhol, Letras/Francês, Letras/Inglês, Letras: Libras, Letras/Português, Música e Pedagogia.

Figura 14 – Centro de Educação, Letras e Artes (CELA)



Fonte: Acervo da pesquisa.

Observe a seguir a ilustração do sinal em análise.

Figura 15 – Sinal de (CELA)



Fonte: Acervo da pesquisa.

Este topônimo revelou-se consistente, sem apresentar qualquer variação em sua execução entre os surdos observados. O sinal é realizado com a configuração de mão (CM) 10, em que o dedo indicador é direcionado para baixo, em combinação com a CM 62, cuja palma está voltada para cima. Durante a realização do sinal, a mão configurada como CM 10 toca a superfície da CM 62. Do ponto de vista morfológico, o sinal é classificado como simples, pois é formado por apenas um elemento característico da Libras.

No aspecto semântico-motivacional, o sinal é classificado como um Sociotopônimo, estabelecendo uma relação direta com as atividades profissionais, os

ambientes de trabalho e os espaços de convivência da comunidade. Neste caso, ele destaca a função do centro como um ponto central de organização e gestão, abrigando as coordenações dos cursos ao centro atrelados. Essa conexão simbólica reflete não apenas a localização física, mas também o papel funcional e coletivo desempenhado pelo local dentro do contexto acadêmico.

4.7 Resultados

A análise dos dados pesquisados revelou uma riqueza de informações sobre os sinais em Libras relacionados aos contextos institucionais e profissionais, destacando sua estrutura morfológica, variações semânticas e motivações simbólicas. Observou-se a presença de diferentes categorias topônimas, como Grafematopônimos, Sociotopônimos e Acronimotopônimos, que refletem variadas e complexas relações simbólicas. Essas categorias evidenciam associações com letras, siglas e códigos linguísticos que remetem à identidade local, bem como com atividades profissionais que marcam as práticas culturais e econômicas das comunidades. Além disso, esses topônimos destacam a importância de locais de interação comunitária, reforçando vínculos sociais e históricos que ajudam a compreender as dinâmicas de pertencimento e memória coletiva dos territórios analisados.

Esses sinais, em sua maioria classificados como Simples, Simples Híbridos, ou Composto, em que evidenciam a capacidade da Libras de sintetizar conceitos complexos em formas gestuais precisas, conectando linguagem, cultura e identidade em um contexto visual e funcional.

O Quadro 3, a seguir, traz as informações reunidas.

Quadro 3 – Síntese dos dados

Sinal	Classificação morfológica	Aspecto semânticomotivacional
UFAC	Simples	Grafematopônimo
R.U	Simples	Grafematopônimo
NURCA 1 e 2	Composta	Sociotopônimo
NAI	Simples	Sociotopônimo
DCE	Simples hibrida	Acronimotopônimo
CELA	Simples	Sociotopônimo

Fonte: Dados gerados pela autora

A análise dos dados, que levou em consideração a classificação morfológica e os aspectos semântico-motivacionais dos sinais UFAC, R.U, NURCA 1 e 2, NAI,

DCE e CELA, permitiu identificar padrões e tendências na formação de sinais para designar localidades acreanas. Com base nesses resultados, é possível afirmar que a metodologia empregada neste estudo se mostrou eficaz para a investigação da estrutura e do funcionamento da Libras. A seguir, serão apresentadas as considerações finais sobre o estudo, destacando a relevância dos resultados obtidos e as perspectivas para futuras pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a toponímia, uma subárea da Onomástica, foca na análise dos sinais em Libras que fazem referência aos espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre. A investigação abrange dois aspectos principais: a análise semântico-motivacional e a classificação morfológica desses sinais, conhecidos como topônimos. Esses sinais desempenham um papel essencial na comunicação dentro da comunidade surda, destacando-se por sua capacidade de traduzir, de forma visual e simbólica, elementos do ambiente físico para a língua de sinais. Além de facilitarem a identificação de locais específicos, os topônimos em Libras evidenciam a interação singular entre a linguagem e o espaço, fortalecendo a expressão cultural e a identidade linguística dessa comunidade.

A maioria das formações semânticas observadas baseia-se fortemente na percepção visual e na relação direta com os espaços aos quais se referem, destacando a importância da visualidade nas classificações propostas. Essas classificações enfatizam diversos aspectos, como característica pertencente a atividades profissionais, abreviações e até as letras, evidenciando a diversidade dos sinais em Libras.

Além disso, é perceptível a influência da língua portuguesa, que se manifesta especialmente nas classificações relacionadas a abreviações de palavras em português e no uso de letras do alfabeto como base para a construção dos sinais. Essa interseção entre a língua de sinais e a língua portuguesa reforça a complexidade linguística e cultural envolvida na criação desses topônimos.

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar as motivações semânticas que orientam a comunidade surda na criação de sinais específicos para designar os espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre (UFAC). Buscou-se compreender como esses sinais são concebidos e quais fatores influenciam esse processo, considerando a interação entre linguagem e contexto institucional. A análise realizada concentrou-se em dois aspectos fundamentais: a classificação morfológica dos sinais, que examina sua estrutura e composição, e o aspecto semânticomotivacional, que explora as razões simbólicas e culturais por trás de suas escolhas. Esses elementos serão detalhados agora, oferecendo uma visão aprofundada sobre a riqueza e a complexidade dos sinais em Libras nesse ambiente acadêmico.

Além do objetivo geral traçado, foram definidos alguns objetivos específicos que orientaram a condução desta pesquisa. O primeiro foi identificar e verificar os sinais que a comunidade surda utiliza para nomear seis espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre (UFAC), buscando compreender as escolhas linguísticas realizadas. Em seguida, foi estabelecido o propósito de registrar de forma detalhada os sinais em Libras correspondentes a esses locais, criando um banco de dados visual que preserve e documente essas expressões. Outro objetivo consistiu na classificação morfológica dos sinais catalogados, com o intuito de analisar suas estruturas e compreender os elementos formativos que os compõem. Por fim, propôsse investigar os aspectos semântico-motivacionais envolvidos na criação desses sinais, explorando os fatores culturais, sociais e linguísticos que influenciam a comunidade surda de Rio Branco nesse processo criativo e simbólico.

Em relação ao primeiro objetivo estabelecido, (a) verificar os sinais utilizados pela comunidade surda para se referir a seis espaços acadêmicos da UFAC;) a etapa de entrevistas foi conduzida com sucesso, possibilitando a verificação dos sinais, resultando na coleta eficaz dos sinais correspondentes aos espaços acadêmicos em questão. Foi constatado que todos os locais pesquisados possuíam sinais específicos em Libras, demonstrando a presença consistente de representações gestuais atribuídas a esses ambientes pela comunidade surda. Esse resultado não apenas validou o propósito inicial da investigação, mas também forneceu uma base sólida para as análises subsequentes.

Para alcançar o segundo objetivo, os sinais coletados foram cuidadosamente registrados em vídeos, garantindo a preservação visual e detalhada das configurações sinalizadas. Esses registros foram, então, disponibilizados na plataforma YouTube, promovendo ampla acessibilidade ao material e possibilitando sua verificação e consulta por qualquer interessado. Esse processo não apenas assegurou a transparência da pesquisa, mas também contribuiu para a disseminação do conhecimento, ampliando o alcance do estudo e fortalecendo o diálogo entre a comunidade surda e os pesquisadores envolvidos.

Em relação ao terceiro objetivo, que visava à classificação morfológica dos sinais, o estudo revelou resultados distintos e esclarecedores. Entre os seis sinais analisados, quatro foram classificados como simples (UFAC, R.U, NAI, CELA), caracterizados por sua estrutura básica e única. Um sinal foi identificado como Simples Híbrido (DCE), evidenciando uma combinação entre elementos da língua de

sinais e referências externas, enquanto outro foi categorizado como Composto (NURCA), refletindo uma construção mais elaborada e composta por múltiplos elementos formativos. Essa diversidade morfológica ressalta a riqueza estrutural dos sinais utilizados pela comunidade surda e demonstra a variedade de estratégias linguísticas aplicadas na nomeação dos espaços acadêmicos.

Quanto ao último objetivo, referente à análise dos aspectos semânticomotivacionais, os dados confirmaram a presença de diferentes categorias simbólicas. Dos sinais estudados, dois (UFAC, R.U) foram classificados como Grafematópônicos, estabelecendo uma relação direta com letras ou elementos do alfabeto. Três sinais (NURCA, NAI, CELA) foram identificados como Sociotopônicos, evidenciando conexões com atividades profissionais, locais de trabalho ou pontos de encontro da comunidade. Por fim, um (DCE) sinal foi categorizado como Acronimotopônimo, refletindo a influência de siglas e abreviações no processo de criação. Esses resultados ilustram a complexidade e a profundidade das motivações culturais e linguísticas que sustentam os sinais em Libras, reforçando sua relevância como expressão simbólica e funcional.

Em conclusão, este estudo proporcionou uma análise singela, mas interessante da toponímia em Libras, destacando a complexidade e a riqueza linguística presentes nos sinais utilizados pela comunidade surda. A pesquisa evidenciou a importância de se reconhecer e valorizar as formas de expressão que surgem dessa comunidade, ressaltando a relevância da Libras como uma língua rica, dinâmica e profundamente conectada às suas práticas culturais. Ao explorar e documentar os sinais relacionados aos espaços acadêmicos da Universidade Federal do Acre, este estudo contribuiu para a ampliação do entendimento sobre a língua de sinais.

Por meio desta investigação, busca-se incentivar o reconhecimento e a apreciação das manifestações linguísticas e culturais da comunidade surda, destacando sua relevância na construção de uma sociedade mais inclusiva e culturalmente consciente. Esta pesquisa, ao contribuir para a visibilidade das práticas surdas e suas expressões, visa promover uma sociedade que valorize a diversidade linguística e cultural, proporcionando um ambiente mais respeitoso e acessível para todos os indivíduos, independentemente de sua forma de comunicação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm.
 Acesso em: 17 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

BRITO, L. F. et. al. Língua Brasileira de Sinais-Libras. (Org.) Brasil, Secretaria de Educação especial. Brasília: SEESP, 1998.

COSTA, K. F. C. Língua de sinais Kaapor: história e identidade. **Humanidades & Inovação**, v. 10, n. 5, p. 263-270, 2023.

DICK, M. V. P. A. A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, 1980.

DICK, M. V. P. A. Toponímia e Antropónima no Brasil. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1986 [1992].

DORO, M. P. M. A onomástica no discurso publicitário turístico das estâncias hidrominerais: Águas de São Pedro, um estudo. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. p. 322. 2010.

FELIPE, T. A. Introdução à Gramática da Libras. Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais. Brasília, MEC/SEESP: Série Atualidades Pedagógicas 4, 1997: p. 81-123.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. ETD **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 02, p. 200-212, 2006.

FRANCISQUINI, I. A. O nome e o lugar: Uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí. 1998. 255p. 1998. Tese de Doutorado. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GENTIL, N. Z. Desvelando a Educação Ambiental transformadora para estudantes surdos: uma proposta bilíngue de glossarização dos termos. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Linha de Pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental – FEA. p. 187, 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, A. **Libras?** Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAIA, M. A. **Toponímia em libras:** a criação de sinais referentes a espaços de atendimento à saúde em Rio Branco – Acre. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2024.

MARQUES, R. R. **A experiência de ser surdo:** uma descrição fenomenológica. 2008. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

PAIVA, U. C. S. **Toponímia em libras das escolas de Rio Branco (AC).** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2021.

QUADROS, R. M. **Libras.** Linguística para o ensino superior. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. ; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira:** estudos lingüísticos. Artmed Editora, 2009.

RAMOS, R. T.; BASTOS, G. R. Onomástica e possibilidades de releitura da história. **Revista Augusto**, 2010, p. 86-92.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, R. M. C. **O uso do referente no espaço gramatical.** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Libras - Licenciatura, 2023

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. (Orgs.). **Perspectivas para o ensino de línguas 6.** Rio Branco: Edufac, 2022, p. 5-20.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras:** pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. Pimenta Cultural, 2021.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Toponímia em Libras: tecnologia e ensino. **Anais do Simpósio Ibero-Americano de Tecnologias Educacionais**, 2019.

SOUZA, T. F.; MONTEIRO, M. S. M. **Libras em Contexto:** Curso Básico Livro do Professor. 6.ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 448p.

SOUZA, T. A. **Libras em contexto:** curso básico: livro do estudante. 2007.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure:** An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf, 1960.

TRIVINOS. A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.